

Percepção de enfermeiros e enfermeiras sobre o machismo na enfermagem

Pamella Semiramys Silvestre da Silva , Mirian Rayle de Oliveira Nascimento ,
Maria Violeta dos Santos Almeida , Patrícia Maria da Silva Rodrigues 

RESUMO

Objetivo: Conhecer a percepção dos(as) docentes de uma instituição de ensino superior, que atuam na assistência de enfermagem sobre o machismo no seu ambiente de trabalho. Diante disso a questão norteadora desta pesquisa foi: Qual a percepção dos(as) docentes sobre o machismo no seu ambiente de trabalho? **Métodos:** Pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, realizada com profissionais da enfermagem, docentes de uma faculdade particular da capital de Alagoas. Os dados foram primários, coletados através de um formulário eletrônico, elaborado pelas pesquisadoras, para análise qualitativa das informações foi adotada a análise de conteúdo de Bardin. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética com nº de parecer: 4.719.368 **Resultados:** Foram participantes do estudo 16 docentes do curso de enfermagem, que referiram em sua maioria já ter sofrido ou presenciado situações machistas durante a assistência. **Conclusão:** A partir dessa pesquisa observou-se que ainda existe machismo na assistência, por parte de profissionais e pacientes. Parte dos docentes participantes deste estudo alegaram já ter sofrido ou presenciados situações de sexismo e todos acordaram em relação a interferência na eficácia da assistência. Sendo necessárias ações de conscientização destes profissionais e do público em geral, abrangendo também os pacientes.

Palavras-chave: Androcentrismo, Sexismo, Feminismo, Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Por motivos históricos as mulheres sempre foram a representação da enfermagem, figuras como Florence Nightingale e Anna Nery referências da profissão, inspiraram os caminhos e o cuidado de enfermagem prestado por mulheres, o que pode reforçar os rótulos acerca dessas profissionais¹.

Sabe-se que o corpo profissional da enfermagem é composto por mulheres em sua maioria e que ela representa a maior categoria dentre as profissões da saúde. Ratifica-se que a enfermagem é uma profissão de grande relevância, contudo, a mesma sofre com preconceito e pensamentos retrógrados enraizados, a citar o machismo, que pode ser representado por comportamentos ou opiniões que recusam a igualdade entre gêneros, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino.

OBJETIVO

Visto que ainda hoje, o machismo está presente em diversas áreas de atuação, inclusive no campo da Enfermagem, essa pesquisa foi norteadora

pelo seguinte questionamento: **Qual a percepção dos(as) docentes, enfermeiras e enfermeiros, sobre o machismo no seu ambiente de trabalho?** E tem como objetivo conhecer a percepção dos(as) docentes, enfermeiras e enfermeiros, sobre o machismo no seu ambiente de trabalho.

Objetivos específicos

Conhecer a percepção sobre a presença do machismo no meio assistencial e acadêmico da enfermagem, tendo em vista a vivência e relatos dos participantes desta pesquisa, para contribuir no meio científico de modo que afete positivamente a visão dos profissionais enfermeiros a cerca dos estigmas sociais atrelados a enfermagem.

MÉTODOS

Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória de abordagem qualitativa.

Local do estudo

A pesquisa foi realizada na Faculdade Estácio de Alagoas, unidade Jatiúca, localizada em Maceió, Alagoas.

Financiamento

Este trabalho foi financiado pelas próprias autoras

Participantes do estudo

Foram participantes desse estudo enfermeiras e enfermeiros, docentes da Faculdade Estácio de Alagoas. Para a delimitação da amostra foi adotado o critério de saturação teórica dos dados.

Critério de inclusão e exclusão

Foram incluídos enfermeiros e enfermeiras que faziam parte do quadro de docentes de enfermagem da instituição no período da pesquisa e foram excluídos os docentes ou preceptores que estavam afastados do trabalho, por motivo de doença, gestação ou afins durante o processo de coleta de dados.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista com formulário eletrônico com os docentes/enfermeiros da Instituição de Ensino, durante o período de maio a junho de 2021. Foi utilizado um questionário eletrônico semiestruturado com intuito de coletar dados objetivos sociodemográficos e qualitativos, que contou com cinco questões abertas, os depoimentos foram submetidos a análise de conteúdo de Bardin. O método de análise de conteúdo compreende as três seguintes fases: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados².

Aspectos éticos

Após a aprovação do projeto pela Direção Institucional e, posteriormente, pelo Comitê de

Ética em Pesquisa (CEP), da Faculdade Estácio de Alagoas, a pesquisa foi iniciada. Durante todo estudo foi mantido preservado o sigilo e a privacidade dos participantes, desse modo foram utilizadas codificações com letra e número com intuito de preservar a identidade dos participantes.

RESULTADOS

Foram participantes desse estudo 16 docentes/enfermeiros(as), desses, 13 mulheres e três homens, com média de idade de 38 anos e faixa etária de 29 a 58 anos. Quanto a formação dos participantes, a maioria possui mestrado. Entre eles, apenas três trabalham só com a docência e os demais trabalham como enfermeiros assistenciais. O tempo médio de formação foi de 11 anos e 7 meses, quanto ao tempo de atuação na assistência em média de doze anos, sobre o período de docência uma média de 7 anos.

Após a exploração qualitativa do conteúdo obtido, através da análise temática de Bardin, emergiram seis categorias temáticas: 1. A percepção dos profissionais sobre o machismo; 2. A relação histórica entre o ato de cuidar e a predominância feminina dentro da enfermagem; 3. A existência do comportamento machista entre profissionais da saúde e pacientes; 4. A influência negativa do machismo na assistência; 5. Alternativas para amenizar o comportamento machista em âmbito assistencial; 6. As repercussões do comportamento machista na vida profissional de enfermeiras.

Diante da pesquisa conduzida, constatou-se que no contexto acadêmico são escassas ou inexistentes as manifestações de machismo, pois nenhum dos entrevistados relatou qualquer incidência desse fenômeno.

A percepção dos profissionais sobre o machismo.

Acerca da percepção dos docentes sobre o machismo, constatou-se que os participantes da pesquisa consideram o machismo um comportamento cultural enraizado, conforme apontam as falas a seguir:

Entendo por machismo um tipo de preconceito, representado por ações

ou manifestação de opiniões, em vistas de não defender a igualdade de direitos entre os gêneros. Neste caso, identifica-se um favorecimento do gênero masculino, em relação ao feminino[...]. (P9)

Machismo está enraizado culturalmente, em situações pequenas do nosso dia-a-dia, como se fosse obrigação apenas da mulher dar conta dos afazeres domésticos e dos filhos. [...] (P4)

A relação histórica entre o ato de cuidar e a predominância feminina dentro da enfermagem.

Quando indagados sobre a predominância feminina na enfermagem, notou-se que os docentes, enxergam uma relação histórica na associação da mulher ao ato de prestar assistência, como é possível observar a partir das seguintes falas:

Historicamente o processo de cuidar ficava a cargo das mulheres, ao cuidar de casa, das atividades domésticas e filhos. Isso se perpetuou na enfermagem, associado também ao fato de ser atividade de exigia pouco conhecimento científico[...] ficando para os homens as atividades de maior conhecimento, como por exemplo nos cursos como medicina, direito, engenharia. (P16)

O próprio sistema "nightingaleano" vinculou características femininas à identidade profissional da enfermagem. Posteriormente, estando a profissão já consolidada, os homens puderam ingressar na profissão, apesar de isso não ser suficiente para quebrar o estereótipo de gênero de uma profissão socialmente construída como feminina. (P8)

A existência do comportamento machista entre profissionais da saúde e pacientes

Mediante ao questionamento do ato machista dentro da enfermagem, quatro profissionais do

sexo feminino relataram já ter sido vítimas de atitudes machistas durante a assistência. Enquanto três participantes sendo um do sexo masculino afirmaram ter presenciado atitudes machistas em âmbito de trabalho.

Trato as pessoas com educação e gentileza. Um colega confundiu e achou que o tratava de tal forma, por estar interessada em iniciar um vínculo afetivo com ele. (P3)

Em um atendimento de pré-natal o parceiro da gestante questionou meu atendimento, por ser mulher e por não ter filhos. Segundo ele, mulheres só podem atender uma gestante caso seja mãe, pois eu não poderia orientar a gestante sem ter passado pela experiência, pois meu conhecimento científico[...] não teria validade sem a experiência de ser mãe. Ainda justificou relatando que para homens isso era diferente, principalmente para o médico que ele tinha mais conhecimento. (P16)

A influência negativa do machismo na assistência

Considerando a influência do machismo na assistência de enfermagem, todos os participantes deste estudo concordaram que esse tipo de atitude interfere de forma negativa na qualidade do atendimento ao paciente, conforme apresentado abaixo:

Muitas vezes sentem-se no direito de atrapalhar nosso trabalho, achando que temos conhecimento e capacidade inferior ao dos homens. (P4)

[...] o machismo atrai outros problemas vivenciados na nossa profissão, [...] como o assédio no ambiente de trabalho. [...] afeta a autonomia da enfermeira em seu ambiente, isso nos leva a gastar mais energia no ambiente de trabalho mostrando e provando o nosso conhecimento, o valor da nossa profissão e isso é desgastante. (P16)

Alternativas para amenizar o comportamento machista em âmbito assistencial

Grande parte dos docentes entrevistados, declararam que a implantação de capacitações durante a formação, conscientização dos profissionais e educação vinda dos pais desde a infância seriam necessárias para a diminuição de comportamentos machistas. Concepções essas observadas a seguir:

[...]Antes de tudo eu acredito que essa temática deveria ser trabalhada já no processo de formação das profissionais de enfermagem. [...] às instituições fiscalizadoras (COREN E COFEN) deveriam adotar medidas mais efetivas de fiscalização e punição diante de situações de assédio e machismo, além de atuar na proteção das profissionais[...] (P1)

O machismo na enfermagem tem como combater, mas só é possível de uma forma: educando seus filhos e mostrando a eles desde pequenos que homens e mulheres possuem os mesmos direitos e obrigações. (P4)

Conhecimento para o posicionamento das profissionais. Por ser algo culturalmente construído não será do dia para a noite que irá acabar. [...] até porque o machismo não parte apenas de homens, mas também está enraizado nas mulheres, quando as mesmas se colocam nessa situação de submissão, aceitando o machismo como normalidade. (P16)

As repercussões do comportamento machista na vida profissional de enfermeiras.

Em se tratando das repercussões do comportamento machista na vida profissional de enfermeiras, salientam-se os desafios no diálogo, aceitação e ascensão no mercado de trabalho, por vezes influenciada pela possibilidade e/ou vivência da maternidade, conforme explanado a seguir:

Por ser mulher e a sociedade ser gerida por maioria masculina, a ignorância

é passada de pai e mãe para filhos. Dificultando o diálogo e o nosso desenvolvimento no mercado de trabalho (P3) [...]O machismo se encontra também no mercado de trabalho, onde muitas vezes não conseguimos nos inserir devido o "poder" de reprodução e o de ser mãe, que não favorece o capitalismo. [...] (P4)

DISCUSSÃO

O machismo é reconhecido pelo senso comum como a "cultura de superioridade, exercido pelo homem no que se refere ao seu modo de pensar e agir de forma a subjugar o sexo feminino na compreensão de inferioridade"³. O que condiz com a percepção dos participantes dessa pesquisa, que ressaltam o comportamento machista, como o ato de se sentir ou demonstrar superioridade para com outra pessoa por questões de gênero.

Sabe-se que, a enfermagem é composta em sua maioria por profissionais do sexo feminino, seja na docência ou em âmbito assistencial. De acordo com Santos⁴, "elas respondem por cerca de 70% das equipes de profissionais de saúde e quase 85% da força de trabalho na enfermagem". Corroborando com o que é demonstrado neste estudo dos 16 participantes, 13 são mulheres.

Essa associação do feminino com o cuidado de enfermagem teve seu início com Florence Nightingale, precursora do ato de cuidar, ao prestar assistência aos feridos nas batalhas no Sec. XIX em somatório com Anna Nery, enfermeira pioneira no Brasil durante a guerra do Paraguai. Apesar desses dados, os espaços de representação e liderança na saúde, ainda são predominados por homens, que segundo Sales¹, tem grande relação histórica com o fato de que durante as guerras do Sec.19 os homens atuavam no papel da enfermagem apenas quando eram inaptos aos campos de batalha como forma de "castigo".

Nesse sentido a identidade dos indivíduos, homem e mulher, é construída socialmente, o que abrange os aspectos sociais, culturais, políticos dentre outros, entretanto é bem comum se ouvir que é "natural" da figura feminina ter determinados tipos de comportamento, como o ato de prestar assistência, seja em contexto doméstico

ou de trabalho, esse tipo de pensamento acaba naturalizando um somatório de fatores históricos, não levando em consideração algo que foi socialmente construído a partir de aspectos externos⁵. É possível notar a influência desses fatores em algumas falas desse estudo que relatam que esses comportamentos são passados de pai e mãe para filhos, enfatizando pensamentos e atitudes preconceituosas desde a infância.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou em estudos recentes que mundialmente as mulheres recebem cerca do equivalente a 77% dos salários dos homens, seguindo essa progressão, somente daqui a 71 anos em 2086, o equilíbrio salarial seria estabelecido⁶. Conforme mencionado por um dos docentes a maternidade, não favorece o capitalismo, sendo esse também um fator que dificulta a inserção feminina no mercado de trabalho¹.

Outra questão importante a ser considerada é a erotização da profissional enfermeira, que está diretamente ligada a uma relação de poder e subserviência. Estudos já foram realizados nessa temática entre eles o da Universidade Federal do Pará conduzido por Poiares e Ribeiro⁵, utilizando a pesquisa de imagens em sites de busca, verificou-se que ao colocar "enfermeira" na barra de pesquisa, encontravam-se imagens com teor de sexualização da profissão, e em contrapartida ao buscar o termo "enfermeiro" são disponibilizadas imagens mais sóbrias e de caráter profissional¹.

Esse estigma se reflete no espaço do ambiente de trabalho, abrindo caminhos para comportamentos desrespeitosos, como assédio moral ou verbal, partindo diretamente dos colegas de assistência e até mesmo dos próprios pacientes. Um estudo realizado em uma unidade de atendimento pré-hospitalar⁷, mostrou que cerca de 16% dos profissionais abordados já sofreram assédio sexual, desses as profissionais do sexo feminino relataram ter sido assediadas predominantemente por homens. A partir disso algumas profissionais são acometidas por comportamentos inadequados, como constatado na fala de um dos participantes, onde o tratamento simples e com educação passa a ser visto com outras interpretações.

Com base nos resultados desta pesquisa, nota-se que parte dos participantes alegaram ter sido vítimas ou presenciado situações de sexismo em local de trabalho ou durante a assistência. Nesse

âmbito é imprescindível a implementação de métodos para garantir a segurança e bem-estar psíquico dessas profissionais. Já que de fato, o setor da saúde apresenta vários cenários onde o profissional precisa lidar com a situação e manter sua saúde mental⁸.

Acerca do panorama da assistência de enfermagem é notória a necessidade de políticas públicas e de ações de conscientização para profissionais e pacientes, através de palestras ou treinamentos de equipe, também do uso de recursos midiáticos para abordar o tema com o público em geral. Dessa forma, além de preservar a segurança do ambiente de trabalho, financia-se uma assistência mais eficaz.

Ainda referente aos resultados do estudo, é possível notar que alguns profissionais do sexo masculino, se sentem intimidados ao serem liderados por uma profissional do sexo oposto, tendo relação com a ideia de liderança estar inteiramente associada a figura masculina. As condutas e decisões tomadas por líderes do sexo masculino são observados de forma diferente, estando correlacionado com o estigma de que a figura feminina age inteiramente guiada por seus sentimentos, enquanto a masculina prioriza a escolha mais racional⁹.

E tratando-se de uma profissão que envolve conhecimento científico, essa ótica é colocada de maneira errônea, o conhecimento traz para essas enfermeiras a certeza de que a forma como estão agindo é a correta e mais adequada, o que também é reforçado pelos participantes desta pesquisa, que ponderaram quanto a compreensão sobre esta temática, demonstrando que o conhecimento sobre atitudes e/ou hábitos machistas, é uma alternativa viável para extinguir esse comportamento da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a informações produzidas nesse estudo, pôde-se constatar que os docentes, enfermeiros e enfermeiras, percebem o machismo como um comportamento enraizado até os dias atuais, advindo de uma cultura baseada na submissão feminina interligada aos afazeres limitados nos tempos remotos. Com base nas respostas dos voluntários, ficou claro que o machismo tem raízes sócio-históricas, focada na dominância do gênero masculino, restando as mulheres a imagem de cuidadora integral (casa e família). Durante a menção histórica da

predominância feminina na Enfermagem, foi citado que a Enfermagem é voltada sempre para a mulher, fazendo com que a mesma seja a personificação dessa profissão que visa o cuidado. Sendo assim, com base nos relatos dos participantes sobre o comportamento entre os colegas de trabalho e pacientes, ficou nítido que a prática machista se perpetua até hoje.

Em se tratando das relações de gênero, foi notória a erotização da profissão, com pensamentos de “subordinação sexual”. E a repugnância pela autoridade e liderança feminina na Enfermagem. Destaca-se ainda, que a interferência do comportamento machista na assistência foi critério unânime nas respostas, sempre com caráter negativo, influenciando nas práticas aplicadas durante os cuidados, colocando em dúvida a capacidade intelectual, técnica e científica das enfermeiras.

O estudo ora apresentado, teve como foco o entendimento sobre o machismo, no âmbito da profissão de enfermagem, trazendo pontos de reflexão sobre essa importante temática. Ao analisar as falas dos participantes, ficou evidente pontos considerados primordiais para a diminuição ou até mesmo para a extinção do comportamento machista, como por exemplo, educação ética e consciente na infância ofertada pelos pais, implantação de capacitações ao longo da formação acadêmica dos profissionais de saúde, bem como, fiscalizações por meio de entidades legais que regem a profissão. Quanto ao machismo no meio acadêmico, constatou-se que nesse contexto tratam-se episódios escassos ou inexistentes, pois nenhum dos entrevistados relatou qualquer incidência desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

- SALES, Orcélia Pereira *et al.* Gênero masculino na enfermagem: estudo de revisão integrativa. **Revista Humanidades e Inovação**, [S.L.], v. 5, n. 11, p. 277-288, dez. 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/index>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- SILVA, Raimunda Magalhães da *et al.* **Estudos qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações**. Sobral: Edições Uva, 2018. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- CÔRTEZ, Janaina Ribas *et al.* **A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional**. In: Seminário Internacional de Educação Mercosul, não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2015, [S.L.]. [S.L]: Unicruz, p. 1-10, 2015. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- SANTOS, Betânia Maria Pereira dos. A face feminina na linha de frente contra a pandemia de COVID-19. **Nursing (São Paulo)**, [S.L.], v. 24, n. 275, p. 5480-5483, 9 abr. 2021. MPM Comunicação. Disponível em: <http://www.revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/index>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- POIARES, Izabela Rodrigues; RIBEIRO, Mariana Borba. Representação social da enfermeira no Brasil contemporâneo. **Revista Vernáculo**, Paraná, v. 44, n. 44, p. 103-127, ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- SIQUEIRA, Dirceu Pereira; SAMPAIO, Ana Julia Fernandes. Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade. **Revista Direito em Debate**, [S.L.], v. 26, n. 48, p. 287, 28 dez. 2017. Editora Unijui. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revista-direitoemdebate>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- SÉ, Aline Coutinho Sento *et al.* VIOLÊNCIA FÍSICA, ABUSO VERBAL E ASSÉDIO SEXUAL SOFRIDOS POR ENFERMEIROS DO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR. **Enfermagem em Foco**, [S.L.], v. 11, n. 6, p. 135-142, jan. 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4087>. Acesso em: 08 nov. 2021.
- DRESCH, Liciane da Silva Costa *et al.* A SAÚDE MENTAL DO ENFERMEIRO FRENTE À PANDEMIA COVID-19. **Enfermagem em Foco**, [S.L.], v. 11, n. 6, p. 14-20, jan. 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3675/1050>. Acesso em: 08 nov. 2021.
- RODRIGUES, Stephane Carvalho. A liderança feminina no mercado de trabalho. **Revista Digital de Administração Faciplac**, Distrito Federal, v. 1, n. 4, p. 1-12, jan. 2015. Disponível em: <http://revista.faciplac.edu.br/index.php/REAF>. Acesso em: 10 mai. 2021.

Contribuições dos autores

Todos os autores contribuíram de forma igualitária para o desenvolvimento deste trabalho

Autor Correspondente:
Pamella Semiramys Silvestre da Silva
pamellasemi@hotmail.com

Editor:
Profa. Dra. Ada Clarice Gastaldi

Recebido em: 12/10/2022
Aprovado em: 15/06/2023
